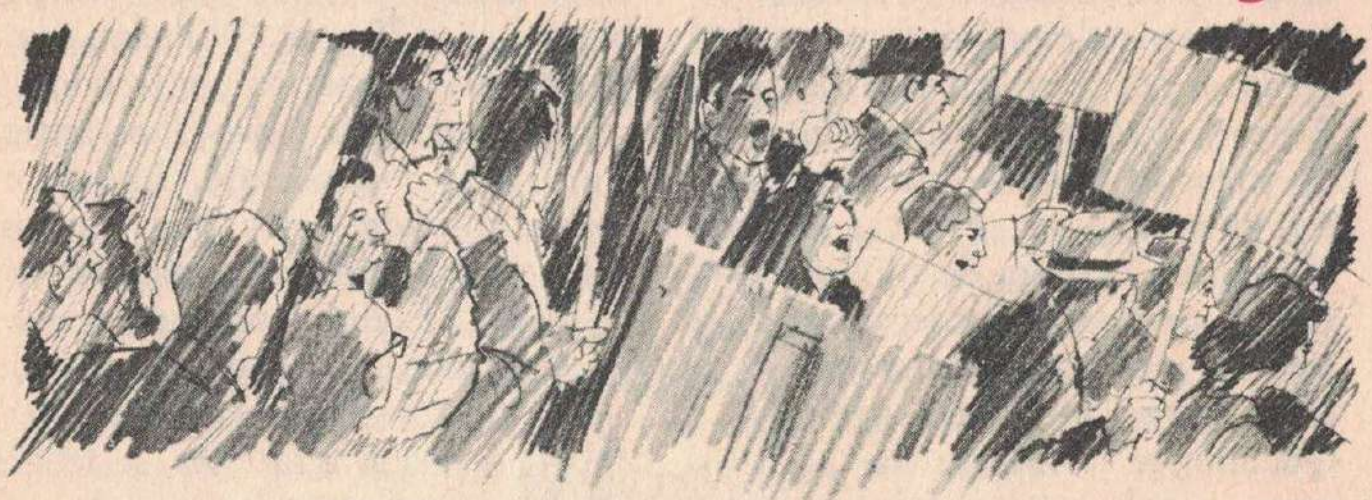


COMO OS VERMELHOS PREPARAM UMA ARRUAÇA



É tempo de reconhecer uma das mais temíveis armas da guerra fria dos comunistas: a demonstração criminosamente “manobrada”

O químico sabe que se deixar cair um pedaço de sódio na água, êle explodirá. O engenheiro sabe que se enterrar dinamite nas proporções adequadas e adequadamente distribuída e a fizer detonar, poderá abrir um canal de irrigação. O líder comunista sabe que se escolher chavões adequados, reunir uma turba e agitar, poderá criar um tumulto.

Portanto, as técnicas de iniciar um barulho de rua são tão simples, científicas e sistemáticas assim. E desde o início da guerra fria, sem cessar, os comunistas têm utilizado em todos os continentes a mortífera arma do tumulto popular manobrado—para envenenar alianças, para derrubar governos, para humilhar chefes, para anular o efeito de bilhões gastos em ajuda ao estrangeiro.

Os últimos casos de violência organizada compreendem sangrentas lutas de rua entre budistas e católicos no Vietname, marchas da fome na Índia, caos no Congo e execuções em massa por um regime vermelho instalado por tumultos em Zanzibar. Um estudo recente para o Departamento de Defesa dos Estados Unidos revelou que nos últimos cinco anos somente na América Latina foram contados 351 surtos de terrorismo, sabotagem e guerrilha inspirados por comunistas, além de 299 tumultos, demonstrações e greves.

Ciclone Vermelho. Vejamos o tumulto engendrado no Panamá em janeiro de 1964. As manifestações antiamericanas de quatro dias causaram 24 mortos, 400 feridos, dois milhões de dólares em prejuízos materiais. Quando tropas norte-americanas foram alvejadas por franco-atiradores e se viram obrigadas a reagir, as acusações da pequena República de "agressão dos Estados Unidos" foram apregoadas pelo mundo afora.

Que aconteceu realmente no Panamá? Os comunistas já se estavam preparando para explorar atritos de

correntes de uma greve dos ônibus quando caiu-lhes no colo uma questão melhor de explorar. Alunos norte-americanos do ginásio de Balboa, desafiando acôrdos sôbre o içamento conjunto das bandeiras do Panamá e dos Estados Unidos em determinados locais, içaram unicamente a bandeira norte-americana no mastro daquela escola.

Os informantes apressaram-se em dar a notícia ao Ministro da Educação do Panamá, o comunista Solis Palma, e dentro de poucas horas estudantes e centenas de inocentes patriotas panamenhos estavam apanhados na armadilha de um ciclone planejado pelos vermelhos. Reconstituindo a explosão no Panamá, alguns especialistas desvenderam os seguintes fatos:

- Coquetéis Molotov arremassados contra residências, locais de trabalho e automóveis de norte-americanos continham não trapinhos improvisados metidos às pressas nos gargalos das garrafas, mas pavios meticulosamente costurados à mão. As bombas incendiárias haviam sido preparadas por alunos pertencentes a uma organização vermelha pró-Fidel Castro que se haviam dedicado a êsse trabalho, depois de encerradas as aulas cada dia, durante tôda uma semana antes dos tumultos.

- Uma testemunha ao lado de um comentarista de rádio ouviu espantada quando êle irradiava por um transmissor portátil: "Dez mil pessoas desafiam as balas, rumando para a Zona do Canal. . . . As tropas norte-

ÊSTE ARTIGO baseia-se em quatro anos de pesquisas feitas por Eugene H. Methvin, membro do corpo redatorial do Reader's Digest em Washington. Êle representa o estudo de dezenas de casos de tumultos vermelhos, além de centenas de entrevistas com o FBI, a Agência Central de Informação, o Serviço Secreto, técnicos policiais, autoridades universitárias e dos serviços de informação das forças armadas, e ex-comunistas que organizaram pessoalmente greves e arruaças.

americanas metralham os bravos patriotas panamenhos. . . . Carros de combate acham-se agora em nosso território." O que o comentador descrevia não tinha a menor semelhança com o que se via—que era apenas uma pequena multidão de espectadores assistindo ao incêndio do escritório da companhia norte-americana de aviação Braniff, atado por bombas incendiárias. (Nenhum carro de combate ou metralhadora dos E.U.A. foi usado durante os quatro dias de desordem.)

- Um panamenho levando uma câmara fotográfica saiu correndo do Palácio Legislativo, sacou uma pistola e atirou num homem da multidão. Depoimentos jurados de pessoas que assistiram à cena confirmaram que o assassino a seguir bateu um instantâneo do cadáver, entrou em um automóvel que estava à espera e saiu em disparada. Posteriormente, comunistas conhecidos dirigiram o cortejo fúnebre dos "mártires assassinados por tropas imperialistas norte-americanas".

- O Presidente do Panamá, Roberto Chiari, pressionado por auxiliares seus, comunistas ou simpatizantes, deu ordem às tropas da Guarda Nacional do Panamá para permanecerem nos quartéis durante quatro dias.* No auge dos violentos

* *A pedido do Panamá*, a respeitabilíssima Comissão Internacional de Juristas, de Genebra, efetuou uma investigação local e concluiu que, se as autoridades panamenhas houvessem agido prontamente, "a violência e os danos à propriedade e as trágicas baixas não teriam, com toda probabilidade, ocorrido".

acontecimentos, êle apareceu na varanda do Palácio Presidencial com o agitador comunista Victor Avila, que incitou as turbas a novos ataques contra os ianques.

- Autoridades fidedignas identificaram pelo menos 70 comunistas—55 dêles, segundo se calculou, adestrados em Cuba—agitando e dirigindo a ação das turbas.

Violência Passo a Passo. Os comunistas estudam e ensinam manipulação de turbas há 60 anos. O próprio Lenine criou técnicas de agitação, por êle ensinadas em uma escola comunista clandestina em Longjumeau, na França, em 1911. Jactava-se êle: "Quando tivermos companhias de operários-revolucionários especialmente adestrados num longo curso, nenhuma polícia do mundo será capaz de enfrentá-los." Hoje, graças a uma coleta mundial de dados, inclusive documentos capturados e interrogatório de gente que abandonou escolas de adestramento, podem ser plenamente reveladas as etapas passo a passo da violência manipulada pelos vermelhos.

Etapa I. Infiltrar agentes em organizações e veículos de massa estrategicamente selecionados. Para mobilizar multidões, o Partido precisa primeiro de colocar sub-repticiamente seus agentes em jornais, estações de rádio e TV, sindicatos, associações cívicas, corpos docentes das escolas, organizações estudiantis e até em unidades militares e policiais. Na Venezuela, por exemplo, os comunistas dominam a principal escola

de jornalismo, na Universidade Central de Caracas, e os alunos são treinados na maneira de saturar a imprensa com idéias de ódio.

O *contrôle* comunista efetivo de uma organização nem sempre é necessário, conforme os sindicatos democráticos britânicos aprenderam em março de 1963. Quando os manifestantes pacíficos contra o desemprego dirigiram-se para Londres, os vermelhos infiltraram-se em suas fileiras e invadiram a entrada do Parlamento onde, tradicionalmente, não são permitidas demonstrações. Policiais montados intervieram e travou-se uma batalha durante uma hora. Seguindo instruções impressas no jornal comunista *Daily Worker*, sobre "Como Desmontar um 'Tira' por Meios Rápidos e Certeiros", os desordeiros encostavam cigarros acesos nos flancos dos cavalos. Os jornais londrinos classificaram-no um dos mais feios tumultos da História de hoje.

Etapa 2. Amaciar a população com símbolos e chavões. Na fase inaugural de uma campanha de propaganda, os profissionais vermelhos nunca empregam uma causa declaradamente comunista para atrair pessoas para o seu modo de pensar. Pelo contrário, apropriam-se de aspirações universais de "paz", "pão", "liberdades civis", "independência", e a seguir moldam-nas em uma terminologia inflamatória de "luta de classes". Os bodes expiatórios por êles apontados para tôdas as frustrações são o "imperialismo norte-americano",

"exploradores capitalistas" ou "a elite branca no poder". Sob um constante fogo cerrado de tais chavões de ódio, cidadãos comuns podem ser suficientemente trabalhados ao ponto de irem para as ruas quando os comunistas fizerem soar o seu gongo para o início do tumulto.

E a técnica dos chavões é tão eficaz que os vermelhos organizaram tumultos contra a majoração de preços dos bondes em Calcutá e os preços altos da eletricidade em Buenos Aires, contra as fôrças norte-americanas no Japão e contra um inquérito parlamentar em São Francisco.

Etapa 3. Consolidar o núcleo da multidão. Utilizando os processos padronizados de fomentar artificialmente o nervosismo público por meio de publicidade na imprensa, avisos pelo rádio e ofertas de transporte grátis, os chefes de células atraem os curiosos, os infelizes, os enjoados e os preguiçosos, gente típica que se congrega junto de qualquer camelô, circo, incêndio ou ajuntamento público. As multidões também podem ser *contratadas*.

No Japão, durante as semanas das demonstrações contra Eisenhower, em 1960, os agitadores vermelhos contratavam com tanta regularidade a gente que vivia nas portas das repartições de auxílio aos desempregados que os policiais podiam assegurar aos jornalistas que a ausência de filas naquelas repartições pela manhã era sinal certo de demonstrações à noite. Autoridades de segurança japônêsas calculam que as cinco sema-

nas de violência antinorte-americana custaram aos vermelhos um mínimo de dois bilhões de cruzeiros.

Etapa 4. Agitar a multidão. Os comunistas adotam vários modelos, conforme a situação tática, para explorar a multidão. Podem agrupá-la cerradamente como um rebanho de carneiros ou elevar a tensão como uma caldeira até explodir. Mas os métodos fundamentais são os mesmos. Eis aqui, baseado principalmente em documentos capturados ao Partido Comunista do Iraque, como um "estado-maior secreto" vermelho dirige uma demonstração:

Comando externo: O comandante do tumulto e seus auxiliares ocupam postos bem afastados do centro de atividade, de onde podem observar todo o "campo de batalha".

Comando interno: Quadros vermelhos dentro da multidão dirigem a demonstração segundo as ordens do comando externo. O comandante interno, sempre muito bem defendido, muitas vezes coloca-se perto de uma bandeira particularmente visível, de sorte que possa ser facilmente encontrado a qualquer hora pelos agentes e os estafetas. (Nas demonstrações antiamericanas de Caracas em 1958, o Vice-Presidente Richard Nixon verificou ser fácil identificar os líderes da turba: êles andavam na cacunda dos outros para poderem ver melhor e dar ordens.)

Estafetas: Conduzem ordens e informações entre os comandos interno e externo, e comunicam movimentos da polícia.

Guardas de choque: Armados com pedaços de cano e de pau, êsses homens ficam de reserva. Se a polícia ataca os comunistas, êles entram na refregã para fornecer cobertura à retirada dos comunistas.

Torcedores: São agitadores cuidadosamente ensaiados em chavões para entoá-los com voz forte e dizer quando devem ser entoados.

Atormentadores da polícia: Mulheres especialmente treinadas gritam histèricamente, desmaiam aos pés dos policiais ou arranham os rostos dêles. Outros auxiliares recebem ordens para jogar bolas de gude sob os cascos dos cavalos da polícia, atacá-los com lâminas de barbear prêsas na ponta de varas, ou espetá-los com alfinêtes, fazendo-os empinar e carregar sôbre a multidão, e assim proporcionar aos fotógrafos "provas" da "brutalidade policial".

Etapa 5. Mártires fabricados. Todos os agitadores são ensinados a criar um mártir, carregando o corpo pelas ruas, montando um grandioso entêrro, e comemorando a morte tão amiúde quanto possível, a fim de manter vivo o ambiente frenético de "luta". Agentes do Serviço Secreto dos Estados Unidos viram crianças pequeninas empurradas para a frente do automóvel oficial do Vice-Presidente Nixon em Caracas. A esperança dos comunistas era criar um mártir cuja morte pudesse ser atribuída aos cruéis imperialistas ianques.

A Lição é Aprendida. Êsses ardis cínicos podem funcionar em qualquer lugar. Apesar de a investigação

pelo FBI dos tumultos que tomaram conta do Harlem e de cinco cidades do Leste dos Estados Unidos não ter desvendado nenhum planejamento ou organização sistemática de âmbito nacional, “além das ações de pequenas organizações”—o relatório de J. Edgar Hoover revelou a pista de muitos indivíduos comunistas e de grupos avulsos. E, disse Hoover, em pelo menos duas cidades de Nova Jersey “dois indivíduos com passado de filiação comunista foram instigadores e líderes dos tumultos”.

No Harlem, os comunistas ajudaram a criar um ambiente propenso à explosão. Muito antes dos tumultos, desencadearam uma campanha de condicionamento com acusações reiteradas de “brutalidade policial”. Publicações vermelhas do Harlem advogaram a criação de unidades armadas para combater os “arruaceiros bêbedos uniformizados”. Em fevereiro de 1964, a polícia do Harlem começou a encontrar panfletos impressos em Cuba por um prêto norte-americano comunista, Robert F. Williams. Recém-chegado de conversações com Mao Tse-tung, na China Vermelha, êle distribuía, de Havana, ordens sôbre a maneira de adaptar as táticas de guerrilhas de Mao às ruas das cidades norte-americanas.

Organizadores vermelhos instalaram comissões e capitães de quarteirão para aliciar desordeiros tal como os partidos políticos recrutam eleitores. Foram feitas tentativas para angariar adolescentes desempregados,

chefes de bandos juvenis e menores delinqüentes. Líderes comunistas secretamente instaram com os capitães de quarteirão para se prepararem para desencadear fogo de baragem contra a polícia ao primeiro incidente que pudesse inflamar a massa.

Seis semanas antes dos tumultos, a polícia começou a encontrar montes de garrafas vazias e tijolos nos telhados do Harlem. Em julho, o “Conselho de Defesa do Harlem” alegava possuir 30 comissões de quarteirão. “Esta é uma organização comunista”, proclamou William Epton, seu presidente. “Sou comunista. Trabalharemos com qualquer grupo do Harlem—nacionalistas prêtos, muçulmanos, ou qualquer outro—desde que estejamos de acôrdo com os problemas a resolver.”

Foi em tal ambiente que no dia 16 de julho de 1964 um policial atirou num rapaz prêto de 15 anos, que levava um canivete, matando-o. Instantâneamente, as organizações vermelhas se mobilizaram. Quarenta e oito horas depois dessa morte, numa tarde de sábado cheia de tensão, Epton convocou um comício. “Vamos fazer uma demonstração, e não afirmamos que vá ser pacífica, porque os tiras declararam guerra ao povo do Harlem”, disse êle para a multidão, segundo uma acusação feita posteriormente. “Tôda vez que êles matarem um de nós, juro, mataremos um dêles!”

Mas a violência foi de fato açulada por outra reunião de esquina

realizada naquela noite por irresponsáveis líderes da CORE (Comissão Sobre a Igualdade Racial) e agitadores avulsos que aderiram. Quando a multidão se aglomerou em torno de uma delegacia de polícia, seu número elevou-se a centenas. Dentro de uma hora, pedras, garrafas e lixo varriam o ar. A situação agora não precisava mais de ajuda comunista.

É inútil discutir se os tumultos do Harlem teriam acontecido sem a presença dos comunistas. Pôr a culpa de qualquer tumulto *exclusiva-*

mente na instigação comunista é tão incorreto como desprezar *inteiramente* a influência dos "persuasores ocultos" comunistas. A lição do Harlem é que os demolidores vermelhos podem entrar em qualquer controvérsia, e tôdas as pessoas pensantes devem estar a par dos métodos e objetivos dêles.

A lição da crescente onda de violência liderada pelos vermelhos é uma das mais antigas lições da História: eterna vigilância é o preço da liberdade.



SEPARATAS dêste artigo podem ser obtidas ao preço de Cr\$ 75 por exemplar, e mais Cr\$ 10 para pagamento do sêlo necessário para remessa de qualquer quantidade de separatas. Enderece seu pedido a: Redator-Chefe, Seleções do Reader's Digest, Av. Presidente Vargas, 62 - 6.º andar, Rio de Janeiro, GB, ZC-00.



UM CANDIDATO em perspectiva ia ser entrevistado por R. Sargent Shriver para um pôsto de direção dos Voluntários da Paz dos Estados Unidos. Depois de falar primeiro com a secretária de Shriver, que pareceu favoravelmente impressionada, foi-lhe dito que voltasse mais tarde para a entrevista. Quando voltou, o gabinete estava vazio, mas notou que havia na mesa da secretária um memorando com seu nome e a anotação: "Gravata muito espalhafatosa." Baixando o olhar para a discutível gravata, êle se retirou. Depois de comprar algo mais discreto, voltou para a entrevista e foi admitido. Quando ia retirando-se do gabinete, a secretária lhe entregou um presente. Durante sua ausência, ela também estivera fazendo compras e êle agora tinha *duas* gravatas discretas. —M. A.



O MAIS poderoso dom que Deus deu aos Estados Unidos não foram suas grandes riquezas em solo, florestas e minas, mas o divino descontentamento profundamente implantado no coração de seu povo.

—William Allen White, citado em *Forbes*